



PÉRSIO, SÁTIRA 4: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

PERSIUS, *SATURAE* 4: A TRANSLATION PROPOSITION

Fábio Paifer Cairolli¹
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Este artigo apresenta uma tradução poética da quarta sátira de Pérsio, poeta latino do século I d.C.. Antecede o texto a exposição dos critérios pelos quais adotei o dodecassílabo para traduzir. A tradução é acompanhada de anotações explicativas, nas quais são brevemente esclarecidas passagens obscuras ou aspectos culturais que demandam mediação.

Palavras-Chave: Pérsio; Tradução poética; Poética clássica; Dodecassílabo.

Abstract: *This article presents a poetic translation of the fourth satire of Persius, a Latin poet from the first century A.D. The text is preceded by an explanation of the reasons for adopting a twelve-syllable verse to translate the Latin text. The translation is accompanied by brief notes that clarify obscure passages and explain cultural references necessary for the reader's understanding.*

Keywords: *Persius; Poetic translation; Classical poetics; Portuguese twelve-syllable verse.*

¹ cairolli@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar e colocar em discussão os critérios com os quais nos predispomos a traduzir poeticamente as sátiras do poeta latino Aulo Pérsio Flaco, parte integrante do projeto de pesquisa que desenvolvemos como parte da atividade docente vinculada à nossa instituição. Para tanto, elegemos aquele que é o mais curto dos poemas que integram a obra de Pérsio, a Sátira 4, de 52 versos. Essa escolha, longe de arbitrária, visa, ao mesmo tempo em que propõe um texto completo para fruição, a levar a debate os processos de tradução sem que o texto muitas vezes trabalhoso deste autor se interponha à exposição dos critérios de trabalho.

1 A ESCOLHA DO METRO

O principal critério a se estabelecer para uma tradução que se pretenda poética para uma obra da Antiguidade Clássica é o metro com o qual se trabalhará e as justificativas para sua adoção. Isso porque o metro será o principal elemento com que se pode recuperar o caráter oral da poesia de Grécia e Roma, sua forma de circulação, o seu tom. Ainda que se possa apontar diferenças entre a percepção dos antigos, que são ouvintes, e a dos contemporâneos, primordialmente leitores, o metro é o modo de recuperar o principal critério de produção poética na antiguidade, o ritmo. Como se percebe tanto pela poética aristotélica (1447a) quanto pela horaciana (vv. 73-98), o ritmo é elemento central na constituição do que é o gênero poético, uma vez que este ajuda a estabelecer uma dicção adequada à matéria, aos caracteres e aos afetos que se pretende mover².

As sátiras de Pérsio, salvo por um pequeno poema em colíambos que lhes serve de prefácio, são compostas em hexâmetros datílicos. Ritmo elevado e indicativo da solenidade dos temas (primeiramente épicos, mas também os didáticos), ele marca a seriedade do gênero satírico, o qual, muito embora trate

² Arist., *Poet.*, 1447a16ss.: διαφέρουσι δὲ ἀλλήλων τρισίν, ἢ γὰρ τῷ ἐν ἑτέροις μιμεῖσθαι ἢ τῷ ἕτερον ἢ τῷ ἑτέρως καὶ μὴ τὸν αὐτὸν τρόπον. “Diferem, porém, umas das outras por três motivos: ou porque imitam por meios diversos, ou porque imitam objetos diversos ou porque imitam por modos diversos e não da mesma maneira” (trad. de Eudoro de Souza). A passagem da *Arte Poética* de Horácio explicita as diferenças métricas dos vários gêneros e indaga (vv. 86-87): *Discriptas seruire uices operumque colores / cur ego, si nequeo ignoroque, poeta salutor?*. “Se não posso nem sei observar as funções prescritas e os tons característicos dos gêneros, por que hei-de ser saudado como poeta?” (trad. de Rosado Fernandes)

de matéria viciosa, assim como a comédia, o epigrama ou a lírica, não divide com esses o caráter leve ou jocoso com o qual os autores de tais gêneros apresentam seus temas.

Tradicionalmente, tanto épica como sátira são produzidas, nas línguas românicas, em decassílabos heroicos. Nesse metro está composto, por exemplo, o grande épico da língua portuguesa, *Os Lusíadas*, bem como seus modelos italianos, notadamente o *Orlando Furioso*, de Ariosto (o qual, aliás, é um dos fundadores de uma extensa família de poetas italianos que chamam de sátiras os poemas que escreveram - em decassílabos), além toda a poesia do *dolce stil nuovo*, que elege o decassílabo como forma de expressão preferencial e que serve, na formação da tradição literária lusófona, como contraponto formal e grandioso da breve e popular tradição ibérica das redondilhas.³

Esse também é o principal verso com o qual se traduz a poesia épica e a satírica para a língua portuguesa. Como obras representativas desta tradição, poderiam ser arroladas a *Eneida* vertida por Manuel Odorico Mendes, as *Sátiras* de Horácio por Antônio Luís Seabra e as de Juvenal por Francisco Antônio Martins Bastos, todas produzidas na primeira metade do século XIX, testemunhos de um repertório que relaciona a poesia hexamétrica latina ao decassílabo.

Nas traduções da sátira latina acima apontadas, no entanto, é possível notar o principal problema que tal relação implica. Ao confrontar o texto latino com o português, facilmente se verifica que a escolha do decassílabo resulta em aumento no número de versos da tradução, visto não possuímos a proverbial concisão que se atribui ao latim⁴. Vejamos, a título de exemplo, os dois primeiros versos da primeira sátira de Juvenal na versão de Martins Bastos:

*Semper ego auditor tantum? numquamne reponam
uexatus totiens rauci Theseide Cordi?*

Sempre ouvindo asneirões, calado sempre
Que zanga não me causa o fanho Codro,
Co' a Teseida quebrando-me os ouvidos! (JUVENAL, s/d, p. 17)

³ Para a introdução do decassílabo na língua portuguesa, v. Moises (2007, p. 50ss.). Para as *Sátiras* de Ariosto, praticamente desconhecidas no Brasil, o melhor ponto de partida é a edição crítica produzida por Cesare Segre (ARIOSTO, 1954).

⁴ Odorico constitui exceção a esta regra, uma vez que suas traduções explicitam seu cuidado com a concisão. Apesar disso, a recepção não deixou de acusá-lo dos latinismos e reduções presentes em sua obra (VIEIRA, 2010).

Seria extremamente oportuna a discussão dos termos com os quais esse tradutor trata a matéria do latim, o tipo de acréscimos e cortes que ele opera, mas não é este o espaço para esta discussão. O que importa ver aqui é como os dois hexâmetros do latim se tornam três decassílabos no português. O acréscimo, à primeira vista, não seria de grande relevância em longos poemas, nos quais, ao contrário do que acontece, por exemplo, no epigrama, a concisão não é critério de produção⁵; uma observação atenta, contudo, revelará como esta dissociação elimina a disposição de elementos no verso original, unidades de sentido relevantes o suficiente em poesia para serem desprezadas. Veja-se, nesta proposição de Juvenal, por exemplo, como em cada verso se apresenta um atributo ao poeta (v. 1: *auditor*, “ouvinte”; v. 2: *uexatus*, “incomodado”), a nosso ver termos centrais em cada verso, dos quais dependem os termos imediatamente seguintes (v. 1: *tantum*, “somente”; v. 2: *totiens*, “tantas vezes”); mesmo não havendo sobreposição entre a extensão do verso e os períodos, há uma unidade em cada hexâmetro e uma relação entre eles, de tal forma que, nesses dois versos, poderíamos ver o segundo operando quase como um epodo do primeiro, respondendo à sua proposição.

As considerações acima propostas, que depõem contra o uso que tradicionalmente se faz do decassílabo nas traduções dos clássicos, introduzem o problema da disposição das palavras pelo verso no poema satírico em geral, e especificamente em Pérsio. A *persona* satírica é construída de forma a persuadir de que o poema é movido por um sentimento de dissabor, indignação, ousaríamos dizer de saturação, afeto que constrange o poeta a se colocar contra

⁵ Marcial, principal autor de poesia epigramática em língua latina, aponta amiúde a expectativa (por vezes frustrada) da recepção antiga de que os poemas fossem breves. Num ensejo de que *breuitas* não fosse confundida com a *oligostichia*, declara o poeta no epigrama 77 do livro II de *Epigramas*:

*Disce quod ignoras: Marsi doctique Pedonis
saepe duplex unum pagina tractat opus.
Non sunt longa quibus nihil est quod demere possis,
sed tu, Cosconi, disticha longa facis.* (vv. 5-8)

Pois aprende o que ignoras: Pedão, douto, e Marso
sempre estendem por duas folhas a obra.
Não serão longos se não tens o que cortar,
mas tu, Coscônio, fazes longos dísticos. (tradução nossa)

Portanto, ainda que a brevidade não necessariamente seja sinônimo de poucos versos, a preocupação com a concisão é característica central do gênero. Para uma discussão a respeito da *breuitas* nos epigramas, v. CAIROLI, 2014, p. 44-46.

os vícios que observa. Assim Juvenal, por exemplo, ao ver uma série de coisas que o deixam indignado, declara:

*difficile est saturam non scribere. nam quis iniquae
tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se, (I, vv. 30-31)*

é difícil não escrever a sátira, pois quem é tão tolerante da iníqua cidade, tão férreo, que se contenha...⁶

A Sátira de Juvenal, portanto, é discurso indignado, como o poeta diz no v. 79 (*Si natura negat, facit indignatio uersum*) e, assim impregnado de uma ira que o poeta não consegue conter, como ele admite os vv. 45-48: *Quid referam quanta siccum iecur ardeat ira, / cum populum gregibus premit hic spoliator / pupilli prostantis et hic damnatus inani / iudicio?*. A simulação do descontrole é dada, entre outras coisas, pelo descuido que o verso apresenta, o qual torna mais verossímil o afeto do poeta. Mas que não se engane o leitor, o texto é laboriosamente trabalhado, o que se reflete não apenas na dimensão do poema, normalmente passando de cem versos, mas no fato de não estarmos diante de uma vociferação no calor do momento, mas de um texto que foi *escrito*, isto é, elaborado após um processo de composição admitido pelo próprio Juvenal.

“Escrever” também é o termo que usa Pérsio (I, v. 13), o qual, na crítica aos poetas de seu tempo inclui o desprezo por aquele que dedica pouco tempo a trabalhar os versos:

*hoc natat in labris, et in udo est Maenas et Attis,
nec pluteum caedit nec demorsos sapit unguis.’ (I, vv. 105-106)*

isto nada nos lábios e estão no molhado a Mênade e Átis; não pesou na prateleira nem tem sabor de unha roída.

O poeta a que Pérsio se contrapõe faz circular seus textos tão logo os profere. As personagens se afogam na saliva que ainda não secou na boca do poeta, tão recente é a composição; o texto ficou não muito tempo na estante, ou diante do poeta, que rói as unhas enquanto burila e repensa a confecção do verso. É essa demora sobre o texto que fará a sátira efetiva: em Pérsio, é o que fará surgir, por exemplo, as preciosas imagens como as que vemos nos dois versos acima.

⁶ As traduções de textos latinos apresentadas no corpo deste artigo para as quais não haja indicação são de nossa responsabilidade.

Tendo em vista essas questões, buscávamos um metro em que pudéssemos atender às questões acima expostas. Uma alternativa que tem ganhado vigor nas últimas décadas para a tradução do hexâmetro é o uso dos dodecassílabos, que já tem formado em nossa língua um *corpus* significativo. Quatro obras transpostas nesse metro com muito mérito estimulam a adoção desse formato.

Haroldo de Campos dedicou-se à tradução da *Ilíada* desde fins dos anos 1980, tendo apresentado uma prévia de seu trabalho, inclusive com teorização, primeiro em 1992, em artigo na Revista USP, em seguida em livro de 1994, contendo o primeiro canto, tendo chegado à sua versão completa em 2003.⁷

Mais ou menos contemporaneamente, visto que é resultado de mestrado desenvolvido entre 1989 e 1993, a tradução do *Livro de Catulo* de João Angelo Oliva Neto contém dois longos poemas hexamétricos, o epitalâmio (poema 62) de 66 versos e o epílio (poema 64) de 408 versos, traduzidos por dodecassílabos⁸.

Mais recentemente, vieram à luz a tradução da *Odisseia* de Trajano Vieira, de 2008⁹ e a tradução dos cantos I a V da *Farsália*, de Lucano por Bruno V. G. Vieira, publicada em 2011¹⁰.

Quatro trabalhos diferentes, levados a cabo por tradutores de estilos diversos, demonstram quanto o dodecassílabo pode oferecer para a tradução da poesia hexamétrica. E embora essa concentração de trabalhos possa induzir o estudioso a acreditar numa ascensão recente deste metro, deve-se notar que o metro tem circulado em nossa língua ao menos desde o século XIX, como testemunha a discussão de Castilho (1874, p. 30):

⁷ CAMPOS, Haroldo de. "Para Transcriar a Ilíada". *Revista USP*. São Paulo: Coordenadoria de Comunicação Social da USP, vol. 12, pp. 143-152, 1992.

CAMPOS, Haroldo de & VIEIRA, Trajano. *Mênis – A Ira de Aquiles: Canto I da Ilíada de Homero*. Edição bilíngüe. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos; introdução e organização de Trajano Vieira; 2 vol. (bilíngüe). São Paulo: Arx, 2003.

⁸ CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

⁹ HOMERO. *Odisseia*. Edição bilíngüe. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.

¹⁰ LUCANO. *Farsália, Cantos de I a V*. Introdução, tradução e notas de Bruno V. G. Vieira. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

O alexandrino, tão guerreado, já afinal pegou e está generalizadíssimo. E por quê? Não tanto pela sua muita música, como pela sua extensão. Logo, a medição latina, por inda mais extensa, muito melhor se acomodaria à ambição de espaço em que os poetas tantas vezes laboram.

Castilho não apenas testemunha a circulação do alexandrino em português como indica suas qualidades e pertinência para a tradução da poesia latina. Coerentemente, este é o metro que utiliza para traduzir as *Geórgicas*, de Virgílio. Apesar da precedência deste trabalho, no entanto, as vantagens do alexandrino são atenuadas pelas modificações que o tradutor precisa fazer em virtude das rimas emparelhadas que acrescenta ao texto: uma escolha dessa natureza em um texto extenso como o das *Geórgicas* não implica somente em ajustes lexicais e mudanças na estrutura da frase, mas também acrescenta uma cadência inexistente no original, ao nosso ver deletéria. Por este motivo, portanto, a tradução que apresentamos se vale de versos brancos.

Se levarmos em consideração o trabalho daqueles tradutores que se dedicam ao dístico elegíaco (o qual, importa lembrar, é composto de hexâmetro seguido por pentâmetro) e que escolhem o esquema de tradução atribuído a Péricles Eugênio da Silva Ramos, aumenta o conjunto de tradutores que aplicam o dodecassílabo ao hexâmetro¹¹.

Finalmente, se estes critérios não bastassem, há o da coerência acadêmica. Pertencendo a este último grupo de tradutores, já extenso, que se dedicaram ao dístico elegíaco, acreditamos que seja desejável manter certa continuidade na forma como traduzimos, mormente quando se considera que reconhecemos o valor que o metro tem.

Tendo estas considerações em vista, apresentamos abaixo a tradução da sátira 4 de Pérsio através de dodecassílabos. Como tem se convencionado desde o trabalho de Haroldo de Campos (1992, p. 144), acentuamos o dodecassílabo na sexta sílaba, mais raramente recorrendo à acentuação combinada da quarta e da oitava sílabas. O texto latino abaixo, bem como as passagens de Pérsio e Juvenal acima referidas, são apresentados conforme a edição de Ramsay (1928). Acompanham os textos anotações - mínimas, que acrescentem apenas aqueles dados de cultura imprescindíveis para acompanhar o texto, evitando simplificar o laborioso empreendimento de Pérsio.

¹¹ Recentemente, Oliva Neto (2015) dedicou um estudo sistemático a este esquema métrico, do qual, de mais a mais, é uma das principais referências. Ali o autor narra a história desse esquema e apresenta os principais tradutores que recorreram a ele.

2 A TRADUÇÃO

*'Rem populi tractas?' barbatum haec crede
magistrum dicere, sorbitio tollit quem dira cicutae.
quo fretus? dic hoc, magni pupille Pericli,
scilicet ingenium et rerum prudentia uelox
ante pilos uenit, dicenda tacendaue calles.
ergo ubi commota feruet plebecula bile,
fert animus calidae fecisse silentia turbae
maiestate manus, quid deinde loquere? 'Quirites,
hoc puta non iustum est; illud male, rectius illud.'
scis etenim iustum gemina suspendere lance
ancipitis librae, rectum discernis ubi inter
curua subit uel cum fallit pede regula uaro,
et potis es nigrum uitio praefigere theta.
quin tu igitur, summa nequiquam pelle decorus,
ante diem blando caudam iactare popello
desinis, Anticyras melior sorbere meracas?
Quae tibi summa boni est? uncta uixisse patella
semper et adsiduo curata cuticula sole?
expecta, haut aliud respondeat haec anus. i nunc,
'Dinomaches ego sum,' suffla, 'sum candidus.' esto,
dum ne deterius sapiat pannucia Baucis,
cum bene discincto cantaverit ocima uernae.
Vt nemo in sese temptat descendere, nemo,
sed praecedenti spectatur mantica tergo!
quaesieris 'nostin Vettidi praedia?' 'cuius?'
'diues arat Curibus quantum non miluus errat.'
'hunc ais, hunc dis iratis genioque sinistro,
qui, quandoque iugum perfusa ad compita figit,
seriolae ueterem metuens deradere limum,
ingemit 'hoc bene sit' tunicatum cum sale mordens
caepe, et farrata pueris plaudentibus olla
pannosam faecem morientis sorbet aceti?'
at si unctus cesses et figas in cute solem,
est prope te ignotus, cubito qui tangat et acre*

*despuat: 'hi mores! penemque arcanaque lumbi
runcantem populo marcentis pandere uuluas!
tunc cum maxillis balanatum gausape pectas,
inguinibus quare detonsus gurgulio extat?
quinque palaestritae licet haec plantaria uellant
elixasque nates labefactent forcipe adunca,
non tamen ista filix ullo mansuescit aratro.'*

*Caedimus inque uicem praebemus crura sagittis,
uiuitur hoc pacto, sic nouimus, ilia subter
caecum uulnus habes, sed lato balteus auro
praetegit. ut mauis, da uerba et decipe neruos,
si potes. 'Egregium cum me uicinia dicat,
non credam?' uiso si palles, inprobe, nummo,
si facis in penem quidquid tibi uenit, amarum
si puteal multa cautus uibice flagellas,
nequiquam populo bibulas donaueris aures.
respue quod non es, tollat sua munera cerdo;
tecum habita: notis quam sit tibi curta supellex.*

“Cuidas da coisa pública?” Isto crê que diz
barbado mestre, morto ao beber ruim cicuta.¹²
Baseado em quê? me diz, discípulo de Péricles.
Vê-se que o engenho e a percepção logo antecedem
a barba, e és calejado em dizer e em calar.
Eis que onde inflama a plebe, movida por bile,
o ânimo leva a impor silêncio à turba quente
co’ a majestosa mão; depois que dizes? “Quírites,
não está justo, assim é mau, melhor assim.”
E então sabes suster o justo em pratos gêmeos
de uma dúbia balança, e ali notas o reto

¹² O barbado mestre que aqui se apresenta é Sócrates, identificado pela sua morte com cicuta. O destinatário, identificado como discípulo de Péricles e, mais adiante, filho de Dinômaca, é Alcibiades. Esta sátira, portanto, se relaciona ao *Banquete* de Platão, em especial à parte final, a partir de 212d, quando Alcibiades chega ébrio ao banquete e ataca Sócrates com um discurso. Este, no entanto, é um Alcibiades que se dirige aos *Quírites* (v. 8) isto é, aos romanos. Pode-se, por conta disso, entender que o par Sócrates-Alcibiades esteja no poema no lugar de Sêneca e Nero.

onde sai curva ou falha um pé na régua torta
e és capaz de impor negro teta¹³ sobre um vício.
Por que tu, que tens vão decoro sobre a pele,
não deixas de abanar o rabo a adúladora
ralé, melhor tomar Antíciras purinhas¹⁴?
Que julgas bem maior? viver de gordos pratos
sempre e tratar no sol frequente a pelezinha?
Calma: esta velha não responde o oposto. Vai,
estufa o peito “sou belo, filho de Dinômaca.”
Que seja: em trapos, Báucis¹⁵ não é menos sábia
quando louva a alfavaca a escravo desvestido.
Ninguém tenta descer em si mesmo, ninguém,
mas olha o alforje às costas do que está na frente!
Perguntas “De Vetídio¹⁶ os bens conheces?” “quem”?
“Cultiva em Cures, rico, o que não cobre o abutre.”
“Falas do que, com deus irado e gênio sórdido,
fixando o jugo em perfurada encruzilhada,
temendo raspar velhos limos da jarrinha,
geme: ‘isto seja bom’, cebolas morde, em sal
vestidas (quando o escravo farinhas aplaude)
e bebe o pó da borra do azeite que morre?”

¹³ Teta, na passagem, é a abreviação de *thánatos*, morte, código com o qual se indicavam os mortos ou aqueles que se votavam à morte. Confronte-se com o epigrama VII, 37 de Marcial, em que o questor prefere a sutileza de indicar aqueles que deviam ser mortos assoando o nariz - mesmo modernamente pode-se associar o ato de esfregar o nariz com o dedo indicador ao de delatar. Tudo vai bem até que o questor pega um resfriado.

¹⁴ Antícira, cidade na Fócida, região da Grécia, era um dos centros de produção do heléboro, planta usada no tratamento da loucura, à qual Pérsio faz frequente menção, provavelmente na esteira de Horácio (*Serm.*, II, 3, 82-83). No mesmo autor (*Sat.*, II, 3, 165-166) se encontra a hipérbole de fazer o vicioso beber a cidade inteira. Note-se que *meraca*, adjetivo usado tanto por Horácio (*Sat.*, II, 2, 137) quanto por Pérsio nesta passagem para qualificar o heléboro, é derivado de *merus*, o vinho puro. Daí nossa opção pelo diminutivo “purinhas”, também usado em nossa língua para referir certos etílicos e alteradores do pensamento como a cachaça ou a cocaína.

¹⁵ Báucis é personagem desconhecida. Indica mulher idosa, pobre, mas que no entanto é possuidora de sabedoria equivalente à do jovem general.

¹⁶ Vetídio é também nome de personagem desconhecida, aqui um riquíssimo agricultor na cidade sabina de Cures, em propriedade tão grande que um abutre, voando um dia inteiro, não percorre. O nome é atestado em diversas regiões do império, e merece destaque o monumento funerário da família de Q. Vetídio Juvenal, importante magistrado municipal e proprietário de terras em Tubúrsico, cidade da Numídia próxima de Madauros.

Mas se unguido descansas, cravas sol na pele,
co' o cotovelo o estranho ao lado chama e, azedo,
cospe: "Ó, costumes! Pinto – e segredos do lombo
dormente – depilado ao povo expor, e as vulvas!
quando penteias barbas no queixo banhadas
por que salta a lagarta rapada das coxas?
Podem rapar tais matas cinco palestritas,
com pinça curva agitem ensopados glúteos,
mas arado nenhum amansa este xaxim!"
Atacamos e damos as pernas às flechas,
vive-se neste pacto, bem sei. Sob o flanco
cega ferida tens, mas cinto de ouro largo
a encobre. Fala e engana os nervos, que preferes,
Se puder. "Se os vizinhos me dizem notável,
não creerei?" Se enrubesces, malvado, ao ver grana,
se fazes com o pinto o que vier, amargo
puteal¹⁷ flagelas com muito golpe, atento,
em vão terás ao povo dado o ouvido atento.
Repele o que não és; ao artesão seus prêmios;
mora contigo e vê que tens pouca mobília.

REFERÊNCIAS

- ARIOSTO, L. *Opere minori*. A cura di Cesare Segre. Milão / Nápoles: Ricciardi, 1954.
- ARISTÓTELES. *Metafísica, Ética e Nicômaco, Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1994.
- CAIROLLI, Fábio. *Marcial Brasileiro*. Tese de doutorado. São Paulo: DLCV/FFLCH/USP, 2014.
- CAMPOS, Haroldo de. "Para Transcriar a *Iliáda*". *Revista USP*. São Paulo: Coordenadoria de Comunicação Social da USP, vol. 12, pp. 143-152, 1992.
- CAMPOS, Haroldo de & VIEIRA, Trajano. *Mênis – A Ira de Aquiles: Canto I da Iliáda de Homero*. Edição bilíngüe. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- CASTILHO, António Feliciano de. *Tratado de Metrificação Portuguesa: Seguido de Considerações sobre a Declamação e a Poética*. 4a ed. revista e aumentada. Porto: Livraria Moré-Editora, 1874.

¹⁷ Puteal é a boca de um poço ou a marcação de um lugar sagrado, ou ainda onde havia caído um raio. Indicava um lugar particular em Roma no qual se reuniam aqueles que emprestavam dinheiro a juros.

CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Haroldo de Campos; introdução e organização de Trajano Vieira; 2 v. (bilingue). São Paulo: Arx, 2003.

_____. *Odisseia*. Edição bilingue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.

JUVENAL. *Sátiras*. Tradução de Francisco Antônio Martins Bastos, prefácio de José Perez. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

JUVENAL & PÉRSIO. *Juvenal and Persius*, with an English translation by G. G. Ramsay. Londres: Heinemann / Nova Iorque, Putnam, 1928.

LUCANO. *Farsália, Cantos de I a V*. Introdução, tradução e notas de Brunno V. G. Vieira. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 34a. edição. São Paulo: Cultrix, 2007.

OLIVA NETO, João Angelo. “Onze poemas de Propércio traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos”. *Cadernos de Literatura em Tradução*. São Paulo, v. 15, pp. 151-184, 2015.

PLATÃO. *Platón, Diálogos, III: Fedón, Banquete, Fedro*. Traducciones, introducciones y notas por C. García Gual, M. Martínez Hernández, E. Lledó Íñigo. Madrid: Gredos, 1986.

VIEIRA, Brunno V. G. “Recepção de Odorico Mendes: (a)casos de crítica de tradução no séc. XIX”. *Phaos*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, n. 10, p.139-154, jan./dez. 2010.

VIRGÍLIO. *Geórgicas; Eneida*. traduções de António Feliciano de Castilho e Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Jackson, 1960.

_____. *Virgilio Brasileiro, ou traducção do poeta latino por Manuel Odorico Mendes*. Paris: W. Remquet, 1858.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de julho de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 14 de agosto de 2016.